

## Apresentação

Contida no interior do amplo espectro de práticas pautadas nas formas materiais encarnadas e produzidas pelos textos – que compreendem inclusive a historicidade dos modos de constituição de coleções e bibliotecas –, a história da transmissão literária não se reduz a uma história da crítica ou dos espaços de recepção e institucionalização das obras e de suas autorias. Ao se interessar pelos processos de transmissão do texto, este dossiê da revista *Caligrama* tentou incitar e mapear os termos e os horizontes temáticos de uma reflexão pautada na consciência da diversidade dos estados materiais dos textos, com seus distintos espaços (e temporalidades) de produção e apropriação.

Para além do interesse pelas discussões sociopolíticas, pelos processos de canonização e patrimonialização, pelas operações de tradução cultural e transmediação, em diálogo com as práticas gráfico-editoriais que dão forma e realidade aos textos, os quatorze artigos aqui reunidos discutem a inscrição da literatura no mundo material, seja pela via da mobilidade das formas seja pela via da gênese dos textos.

O escopo das discussões – que têm em comum a recusa da literatura como categoria trans-histórica – parece ter se constituído, finalmente, a partir de cinco núcleos temáticos. Um primeiro, mais diretamente voltado para a maneira como a materialidade, os gêneros e as formas incidem sobre os processos de transmissão dos textos, é circunscrito por três trabalhos que, cada um à sua maneira, se voltam para a reflexão sobre a instabilidade e a mobilidade das formas de circulação dos textos. O primeiro, que retoma a palestra proferida por Roger Chartier em setembro de 2024, na UFMG, no âmbito da Cátedra FUNDEP-IEAT, do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares, discute práticas editoriais e de leitura que evidenciam as maneiras como o livro atua como um objeto capaz de conter diferentes elementos materiais. O artigo que segue se volta para a historicidade dos sistemas de classificação e organização material dos textos, discutindo, a partir de casos precisos, o impacto de suas rupturas na ordem simbólica da cultura escrita. Esse primeiro bloco se encerra com um caso exemplar de

mobilidade dos textos, centrado nas metamorfoses do romance *Notre-Dame de Paris*, que em 2019 ganha a forma de literatura de cordel no nordeste brasileiro.

Em seguida, a diversidade técnico-material da edição contemporânea ganha espaço com outros três artigos. O primeiro discute o conceito de tecnodiversidade, articulado com o de bibliodiversidade, levantando de forma precisa a discussão urgente sobre a importância da diversidade tecnológica, como contraponto à padronização excessiva das grandes plataformas digitais. Essa abertura dá lugar a um artigo dedicado ao audiolivro que analisa, sob a ótica dos Estudos de Intermidialidade, como textos literários são transmidiados por meio da combinação entre leitura, música e efeitos sonoros, com base em três estudos de caso de obras clássicas. O bloco é encerrado com um estudo que discute como as editoras do microcosmo gráfico-independente operam a materialidade do livro, examinando três objetos com foco no projeto gráfico e nas possibilidades de experimentação literária.

As relações entre literatura e imprensa traçam os contornos de um terceiro núcleo, que ganha corpo com quatro artigos que se valem de fontes periódicas impressas dos séculos XIX e XX. Aqui, o primeiro estudo examina a origem e a mobilidade material e simbólica dos jogos literários, como enigmas e anagramas, destacando sua continuidade na cultura popular e no ambiente digital. Em seguida, é a vez dos cruzamentos entre literatura, visualidade e publicidade, através da análise de um iconotexto literário e publicitário de 1917 em jornais argentinos. Ainda no universo do periódico, o trabalho que vem a seguir analisa os textos literários dos dois primeiros volumes da revista *A Informação Goyana*, investigando como eles refletiram as intenções editoriais e contribuíram para a inserção de escritores como Hugo de Carvalho Ramos e Cora Coralina no cenário literário brasileiro. Esse terceiro núcleo se encerra com um artigo dedicado a duas publicações de Luís de Montalvor sobre a materialidade dos livros, explorando sua defesa da tipografia como elemento fundamental para a edição e sua contribuição para a compreensão do mercado editorial português nos anos 1940.

O quarto núcleo, caracterizado no espectro de uma história social da edição, se volta para a vida literária e editorial, com dois artigos cujas práticas e representações são situadas, respectivamente, nos anos sombrios da ditadura militar argentina (a propósito de um volume publicado em 1982, *Encuesta a la literatura argentina contemporánea*, compilando respostas a 84 inquiridos do universo da palavra escrita, entre escritores e críticos literários) e no seio do, nem sempre assumido, colaboracionismo francês da Segunda Guerra Mundial a partir da figura controversa do editor Bernard Grasset, cuja editora que funda no início do século XX detém ainda hoje grande prestígio no mundo literário francês. Grasset, nesse particular, corresponderá talvez à efígie do editor colaboracionista, circunstância em que não está desacompanhado, como comprovam as tristemente célebres listas Otto, nomeadas a partir de Otto Abetz, embaixador da Alemanha nazi em Paris durante a ocupação, e cuja referência é frequentemente evitada nas discussões sobre este período da história francesa.

Encerramos o dossiê com dois artigos que se voltam para o gesto da escrita literária, para as mãos dos escritores e seus arquivos. O primeiro deles contrasta a indisciplina própria do texto autógrafo de Clarice Lispector com a edição póstuma de *Um sopro de vida*, levantando a questão sobre a participação de sua colaboradora Olga Borelli. O artigo que fecha o dossiê, uma tradução de um texto de Pierre-Marc de Biasi publicado originalmente em 2017, ao examinar um documento de 1881 vinculado ao testamento de Vitor Hugo, nos traz, ao mesmo tempo, a dimensão da materialidade dos textos na construção da obra do escritor

francês e, também, a implicação deste legado arquivístico e artístico na própria consolidação do campo da genética dos textos.

Os ensaios aqui reunidos atestam sem dúvida a amplitude das perspectivas teórico-metodológicas que têm se interessado pela maneira como os textos são transmitidos e pelas relações que mantêm com suas formas de circulação, indo da história literária à história das bibliotecas, da história da edição à bibliografia material, da sociologia da literatura à antropologia histórica do saber, dos estudos culturais da circulação aos estudos de comunicação e mídia.

Ana Utsch (UFMG)  
Nuno Medeiros (ULisboa)